CISION

A BOLA

ID: 73920191

07-03-2018

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 26
Cores: Cor
Área: 25,90 x 30,20 cm²
Corte: 1 de 1



José Manuel Delgado moderou conferência com Nuno Gomes, Joaquim Evangelista e Ricardo Domingues



MIGUEL NUNES/ASF

Já há jogadores em lista negra

→ ***Ricardo Domingues, CEO da Betclic, fala nas precauções das casas de apostas e faz revelação***

Ricardo Domingues, CEO da Betclic, uma das poucas casas de apostas que opera em Portugal, manifesta empenho no combate ao *match-fixing*, defendendo que estas empresas só são prejudicadas por este fenómeno. «Não vamos diabolizar as casas de apostas. As casas de apostas reguladas trouxeram transparência ao fenómeno desportivo», disse. A dada altura falou-se de conflitos de interesses, a defesa unânime de que, por exemplo, donos de casa de apostas não sejam também proprietários de clubes e uma revelação importante: «Neste momento as casas de apostas já têm listas negras com futebolistas e outros agentes do desporto.»

«'Match-fixing' é o maior pesadelo do desporto»

Joaquim Evangelista mostra-se empenhado no combate aos resultados falseados no futebol profissional ◎ «Baixos salários potenciam fenómeno, mas não são desculpa», diz líder sindical

POR LUÍS FILIPE SIMÕES

A Universidade Europeia promoveu ontem, em Lisboa, um debate sobre *match-fixing* (manipulação de resultados) no futebol e foi rica a discussão entre Nuno Gomes (ex-jogador do Benfica e internacional português), Joaquim Evangelista (presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol) e Ricardo Domingues (CEO da Betclic). Com moderação de José Manuel Delgado, de A BOLA, apontaram-se caminhos para melhor combater o que todos consideram um flagelo para o desporto. Joaquim Evangelista falou da dimensão que o fenómeno tem no futebol português.

«Este é um pesadelo à escala global. É certo que em Portugal também está enraizado o *match-fixing*, mas estamos acima de tudo perante o maior pesadelo do desporto mundial», referiu o presidente do SJPF, acrescentando:

«Quem vive no futebol conhece a dimensão deste fenómeno. Há muita omissão e inércia e no fundo vão-se ignorando os sinais que nos chegam todos os dias. Em Portugal, este fenómeno tem estado na ordem do dia, até por causa da operação *Jogo Duplo*. É importante criar condições do ponto de vista da integridade, da transparência e há que formar dirigentes com outras valências e criar a figura do conflito de interesses: não me parece normal que o dono de uma casa de apostas possa ser também proprietário de um clube.»

Falou-se de salários mais baixos dos jogadores em Portugal. Algo que os pode tornar mais manipuláveis? Joaquim Evangelista não fugiu ao tema:

«Quem está numa situação de fragilidade ou vulnerabilidade, como é o caso dos jogadores com salários mais baixos, está mais sujeito a este fenómeno. Mas isso não os desculpa, que fique claro. Mas é por aí que as organizações criminosas começam, identificando os seus alvos... O sindicato, a FPF e a Liga têm apostado em programas preventivos, pedagógicos, o que levou à criação, por exemplo, da plataforma de denúncia. Já fomos a todos os balneários da Liga e Liga 2 alertar os jogadores, treinadores e dirigentes. Divulgámos a fórmula dos três erres para combater este fenómeno: reconhecer, resistir e reportar.»

Sobre a detenção de Paulo Gonçalves, diretor do Departamento Jurídico do Benfica *[ver páginas 2 a 5]*, um olhar pragmático:

«Vivemos num tempo de grande crispação, época de clivagem, de confronto. As autoridades devem levar os casos às últimas consequências, mas o que critico é os agentes terem chegado a uma fronteira inaceitável, do vale tudo. Os culpados devem ser punidos, o futebol tem de renovar quadros e encontrar um clima mais pacificador. Agora é importante deixar a justiça fazer o seu trabalho e temos de exigir mais à justiça desportiva.»

«Queriam saber se escolhia bola ou campo», revelou Nuno Gomes

Nuno Gomes garante que no seu tempo a manipulação de resultados por causa das apostas não seria fenómeno tão presente como hoje em dia e com um fino sentido de humor pôs uma e outra vez a plateia a sorrir. Como no momento em que revelou uma espécie de *cunha* quando era capitão do Benfica.

«Na condição de capitão tinha a possibilidade de escolher bola ou campo e confesso que por essa altura recebia variadíssimos telefonemas a perguntarem-me qual escolheria. Hoje isso já não seria possível porque quem ganha o sorteio só pode escolher o campo, talvez porque isso acontecia *[risos]*.»

Mais a sério, Nuno Gomes não deixou de considerar o *match-fixing* um flagelo.



MIGUEL NUNES/ASF

Nuno Gomes falou de outros tempos